

A voz única do ideal

Assembleia com padre Julián Carrón. São Paulo, 12 de setembro de 2010.

O gesto foi introduzido com três cantos populares brasileiros: “Vida”, “Bonde do dom” e “Caçador de mim”; e a canção italiana “Parsifal”. O texto de referência para a assembleia foi “A voz única do ideal”, encontro de padre Julián Carrón com um grupo de colegas de CL, em Roma, em maio de 2010.



Marco Montrasi (Bracco):

Antes de decidir vir para cá hoje, um momento antes de decidir “eu vou!”, aconteceu algo em nós que é aquilo que aconteceu a Zaqueu quando encontrou Jesus: encontrou um olhar. Cada um de nós está

aqui por causa de um olhar que o fascinou. Dentro do Movimento ou através da Associação, através do Marcos e da Cleuza. Eu me comovi pensando em como isso nos torna uma coisa só, hoje, por causa de um olhar que tem a mesma origem e está me alcançando agora, tanto que fez com que cada um de nós tomasse a decisão de vir até aqui.

Para esta assembleia chegaram muitas perguntas e tentamos selecionar as mais abrangentes para apresentar ao padre Carrón alguns temas que nos são mais urgentes.



Milena (Salvador): Com o trabalho do texto “A voz única do ideal” fiquei mais livre para olhar a relação que existe entre aquilo que faço agora e o meu destino. Entendi que fazendo as coisas imediatas

construo um caminho para além do imediato e testemunhando o Senhor construo a minha vida, mas, sobretudo, ajudo a construir o mundo. Hoje a vocação para mim significa responder a um chamado cotidiano. Para mim tem

sido responder ao trabalho que me é dado com todos os possíveis contratempos; responder a uma amizade que me é dada sem nunca antes ter imaginado, responder ao próprio Cristo que se propõe a mim por meio da realidade. Minha vocação tem aflorado, por exemplo, dentro de uma experiência que tenho feito e tem me atormentado nesses últimos meses: conheço pessoas que, por um preconceito, negam a verdade, negam a Igreja, param nos limites, negam Cristo e, conseqüentemente, a verdade da própria vida. Negam a si mesmas e optam por “apodrecer”, como se referiu Carrón nos Exercícios da Fraternidade. Essa situação tem exigido muito de mim, pois saber que alguém por quem eu tenho uma grande afeição opta por “apodrecer” é uma dor. Mas isso exige que eu me agarre mais a Cristo, pois não consigo responder ao problema do outro, não consigo fazê-lo mudar com as minhas próprias forças, com as minhas palavras, com o meu discurso. Por isso, por exemplo, tenho procurado rezar as Laudes com intensidade e procurando estar atenta às palavras com o intuito de responder a isso. Se banalizar não cresço, mas se encaro a situação e a levo a sério, vejo mais o rosto do Mistério. Cristo, ao mesmo tempo em que me usa para se mostrar aos outros, pede que eu viva mais intensamente o relacionamento com Ele. Por tudo isso, o critério que tem determinado as minhas escolhas é aquele que me revela mais o Mistério, desde a decisão de com quais amigos estar no final de semana, até a decisão da

escolha de um trabalho. O que tem guiado minhas decisões são as perguntas “Onde eu vejo mais e melhor tua face, ó Senhor, que eu tanto procuro? Onde eu vejo mais claramente as maravilhas que o Senhor faz acontecer? Em qual lugar ou a quem eu devo te testemunhar para responder à necessidade do mundo?” Ter essa consciência no âmbito do trabalho, para mim tem sido decisivo e libertador; não porque os problemas sejam eliminados, mas porque, deixando de olhar o meu umbigo e olhando o ideal, desloco o centro afetivo e vou além daquilo que a minha postura limitada consegue conceber e o trabalho que tinha a minha concepção mesquinha vai se tornando a razão do ar que respiro.



Julián Carrón: Cada um de nós tem dentro de si um desejo de felicidade e por isso, como cantamos na primeira canção, se esse desejo não se realiza a vida não é vida, “vida sem vida”, e cada um de nós busca, é um caçador, busca realizar esse desejo

de viver. Esse é o ideal! O ideal não é algo que uma pessoa nos introduz de fora, é algo que nós temos dentro de nós mesmos. É aquilo que mais nos empurra ao mais profundo do nosso coração. Quem de nós pode deixar de reconhecer a cada dia o desejo de felicidade que tem? Nós não combinamos nada, porém todos nós sentimos esse desejo mais potente do que qualquer outra coisa e cada dia nós estamos diante dessa escolha, de ouvir a voz desse desejo, ou conformarmo-nos com uma vida medíocre. O Papa Bento XVI na recente mensagem para a Jornada Mundial da Juventude do próximo ano disse: “O homem é verdadeiramente criado para aquilo que é grande, para o infinito. Qualquer

outra coisa é insuficiente”. Essa é a maior decisão, é a luta que temos dentro de nós. Não é uma luta contra os outros, contra as circunstâncias, é conosco mesmo. Não existe poder neste mundo que possa nos impedir de desejar tudo. Ninguém pode apagar esse desejo. Por isso Jesus dizia no Evangelho que podem até nos matar, mas não podem eliminar a nossa alma, não podem arrancar esse desejo que coincide conosco mesmo. Por isso, quando cada um de nós decide por escutar a voz do ideal, a voz desse desejo, toma a decisão mais importante da vida. Porém, muitas vezes vemos como decaí, reduzimos esse desejo e nos conformamos com a mediocridade. Mas percebemos que não estamos contentes, pois não é a mesma coisa, porque fomos feitos para algo grande. É como quando vemos uma montanha bonita e ficamos contentes, e quando estamos em uma casa toda fechada, o que mais desejamos é poder sair, porque fomos feitos para uma coisa grande, não para ficarmos fechados em um esconderijo. Só que muitas vezes ficamos presos na armadilha do esconderijo e quanto mais desejamos realizar o desejo, mais nos damos conta de que nós não somos capazes de respondê-lo. Por isso, às vezes esse desejo nos parece um sonho e, como dizia o Papa, também nos perguntamos “Trata-se apenas de um sonho vazio que evanece quando nos tornamos adultos?” Porque nos damos conta de nossa incapacidade para mantê-lo vivo e, como bem o disse a canção “Vida”, estamos como que esperando a chegada de um anjo, de alguém que nos ajude a mantê-lo vivo, para poder viver a vida como vida. E quem é esse anjo que estamos esperando? É outro sonho esse anjo? É uma ilusão? Será o produto de nossa imaginação? É um estado de ânimo? Tudo isso desaparece na vida. Quem é esse anjo que pode nos sustentar? A nossa amiga Milena dizia que quando uma pessoa começa a viver conforme esse ideal, ela se torna um anjo

que me ajuda a sustentar o ideal. Por que vocês estão aqui? Por que viemos aqui hoje à tarde? Porque precisamos ser sustentados por muitos anjos que nos ajudem a manter o ideal. Os anjos que precisamos não são anjos com asas, somos pessoas de carne e osso que nos ajudamos uns aos outros, que nos sustentamos. Estamos juntos para que não vença em nós a redução do desejo. E então nos tornamos uns para os outros esse anjo que estamos esperando. Não é algo que desce das nuvens. Não é um sonho. É real! Por isso quando vemos alguém que quer viver assim nos unimos, nos agarramos a ele, porque sem ele eu não posso caminhar. Por isso vocês se juntaram na Associação, para responder juntos a esse desejo. Por isso vocês participam do Movimento Comunhão e Libertação, para se ajudar nesse desejo. Porque sem esses anjos que nos ajudam e nos sustentam, nós não damos conta. Porém, muitas vezes nós vemos – como dizia Milena – que quando queremos comunicar isso aos nossos amigos, eles não querem participar, não querem viver à altura do seu desejo e sentimos tristeza por eles. Pode ser um amigo, pode ser um irmão, pode ser um colega de trabalho, pode ser um companheiro da universidade que não quer viver à altura da sua grandeza e às vezes nos desanimamos. E o que podemos fazer por eles? Continuar a viver à altura do ideal. Porque isso é viver com uma alegria maior, com uma plenitude que é o maior desafio que podemos fazer a eles. Por isso, nós não precisamos nos preocupar nem nos desanimar porque alguns não querem viver segundo o ideal; nós entendemos bem isso porque às vezes nós mesmos não queremos ouvir essa voz. Não temos que procurar exemplos fora de nós mesmos, nós sabemos muito bem como é isso, e se nós não tivéssemos a sorte de ter encontrado amigos que nos ajudassem, nós também estaríamos como eles. Já teríamos jogado a toalha,

teríamos nos deixado arrastar pela torrente de uma vida cômoda. O que podemos fazer pelos nossos amigos que apesar de tudo não querem e não ouvem essa voz? Cada um de nós deve viver, desafiando-os a viver à altura do ideal. É esse o desafio que nós colocamos na sociedade, no mundo. Porque um homem que vive à altura do seu desejo não pode deixar de ser um desafio para os outros. O maior desafio é ver que aquilo que ele tanto deseja se realiza na vida de uma pessoa que ele tem diante de si, que não é um sonho. Quando uma pessoa vê uma outra pessoa contente, como não deixar de desejar de estar contente também? “Como é que ele faz para estar contente?” Porque a vida sem isso não é vida. Cada um de nós sabe o que é uma vida sem vida e isso nunca irá nos corresponder.



Marcelo (São Paulo): Estou cursando o último ano de medicina e para mim, há alguns meses, a questão mais urgente é em relação a qual especialização vou fazer no final do ano e, caso não seja aprovado, com o que eu vou trabalhar no ano que vem.

No ambiente onde estou, o critério é muito claro: um trabalho ou especialização que tenha pouco serviço e no qual se ganhe muito dinheiro. Um dia no hospital, vi que um médico reclamava de trabalhar lá, e também vi uma residente tratando muito mal uma paciente. Não foi a primeira vez que vi isso, mas foi a primeira que prestei atenção e comecei a me perguntar se era daquela forma que eu queria viver a medicina. Naquele dia, para mim ficou claro que o que mais me interessava era o relacionamento com o outro, e como isso era possível em todas as especialidades, tudo me interessava. A partir do momento

que entendi isso, tudo ficou mais dramático. Olhar para como as coisas funcionam no hospital (a falta de recursos, etc.) e como os pacientes eram tratados, passou a me incomodar cada vez mais. Para mim o trabalho começou a ficar mais claro há dois meses com a Romaria para Aparecida, onde de fato comecei a trabalhar o texto “A voz única do ideal”. Aos poucos, comecei a entender toda a minha indecisão, o porquê era tão difícil escolher uma especialidade específica. Duas semanas depois, tive a graça de ir ao Paraguai para o primeiro encontro de Medicina e Persona. Diante dos testemunhos e conversas com as pessoas presentes, ficou claro para mim os dois instrumentos que eu tenho para mudar tudo: o meu coração e um novo olhar sobre as coisas. Quando voltei, passei a cuidar de tudo de uma nova forma, desejando olhar para aqueles pacientes até o fundo. Ficou evidente para mim que era esse o caminho, que é essa a minha vocação. Tudo deixou de ser pesado, tirou a dor, o medo e o cansaço que eu tinha. Passei a ficar muito mais feliz e satisfeito, não porque eu passei a ser mais “bonzinho”, mas porque, de fato, correspondia ao meu coração, fazia ele vibrar. Há poucos dias encontrei uma camareira que ia colocar novas roupas no vestiário. Assim que ela me viu, disse: “Eu me lembro de você. Foi você que me atendeu no começo do ano”. Eu não me lembrava dela, pois foi uma consulta de 10 minutos, oito meses atrás. E ela continuou: “Ainda me lembro do cuidado e preocupação que você teve ao ver o meu joelho para que não doesse”. Diante disso me dei conta que só foi possível cuidar assim de alguém (mesmo sem eu perceber), porque sou cuidado e olhado dessa mesma maneira. Também ficou claro que a escolha da minha profissão é só uma consequência, o que importa é olhar para a realidade e reconhecer os sinais e confiar que um Outro é quem vai me dar esses sinais, que não depende da minha vontade

escolher o que eu gosto mais ou o que acho que vai me fazer mais feliz, mas preciso reconhecer isso dentro do que me é dado. Ainda não está claro para mim qual vai ser a forma com a qual vou servir ao Reino, mas também não é algo que me preocupa, pois cada vez mais me dou conta de que a realidade é minha amiga e que olhando para ela essa forma vai ficar mais clara com o tempo. Fico feliz que hoje olho para a minha profissão como diz o texto, que o serviço ao mundo é um ganho para nós, é a nossa realização; o que faz com que o sucesso e o dinheiro percam a importância que antes eu dava para eles. Mas, apesar de todo esse percurso que eu venho fazendo, me dou conta de que ainda não basta, que ainda precisa ficar mais clara essa relação desse meu coração que vibra com o Outro que me dá isso, pois sei que se eu não chegar até esse ponto vou perder tudo o que vivi. Por isso, peço ajuda nesse passo que me falta.

Julián Carrón: Vejam que cada um de nós tem que decidir o que quer, porque quando uma pessoa começa a trabalhar o que lhe dizem é que o melhor é trabalhar menos e ganhar mais. E por que isso não está certo, se tantos pensam assim? Por que não nos conformamos com isso? Quando vamos para o trabalho e alguém nos diz isso, ele está nos desafiando: “O que é que você quer da vida? Por que você não faz como eu faço: tentar trabalhar menos e ganhar mais?” Não precisaríamos estar aqui perdendo tempo, todo mundo pensa assim. O problema é que isso nunca nos bastará. Não basta para preencher o coração, não basta para responder a todo o desejo que temos e por isso se propõe novamente, a cada momento, a mesma decisão de que falávamos antes: se a vida se realiza se nos pouparmos, não arriscando, procurando trabalhar menos; ou se a vida vai se realizar doando-a, amando. Quando a vida realmente

se realiza somos felizes; e isso acontece quanto menos nos envolvemos na realidade ou quanto mais amamos tudo? Essa é a decisão que cada um tem que tomar todos os dias. E eu pergunto a cada um de vocês: como é que você gostaria de estar a cada dia no seu trabalho? Você gostaria de estar interessado naquilo que você faz, que aquele trabalho realmente lhe tomasse o coração ou que você ficasse pensando somente no momento de ir embora porque você está entediado por estar ali? Quando temos algo grande entre as mãos não queremos que se acabe. Queremos que acabe só quando não experimentamos o gosto pelo que fazemos. Não queremos nos envolver na vida quando algo não nos interessa; quando algo nos interessa queremos estar inteiros, queremos que toda a nossa pessoa, todo o nosso afeto, toda a nossa intensidade, toda a nossa energia estejam presentes. Quando amamos alguém queremos estar ali com toda a nossa presença diante da pessoa que amamos. É a mesma coisa quando trabalhamos, quando nos divertimos, quando estamos em casa descansando: gostaríamos de estar inteiros dentro daquilo. Porque é isto que nos faz desfrutar a vida: estar inteiros. Por isso cada um deve decidir o que quer: se quer desfrutar, se quer aproveitar a vida, se quer que tudo na vida interesse; ou que a vida passe como tantos dias sem que nada tenha tomado o nosso coração em nenhum instante. Não há nada mais triste do que um dia no qual nada acontece, nada nos chama a atenção, nada nos interessa, nada nos envolve. Esta é a desgraça do momento em que vivemos muitas vezes, que cresce em nós e ao nosso redor esse desinteresse por tudo. Imaginem um estudante que está na sala de aula sem interesse, ele passará horas e horas e horas entediado, cada dia mais desinteressado por aquilo que lhe explicam durante as aulas, cada dia mais triste. Isso é uma

vida cada dia menos interessante se nós nos deixamos levar. Ao contrário, quando nós nos envolvemos com a vida, quando um estudante se envolve com o que está fazendo, cada dia se interessa mais, gosta de aprender, se diverte. A vida é isso, é uma escolha. Não é a mesma coisa decidir por uma coisa ou coisa. Dizem-nos que é a mesma coisa, tanto que alguém mais velho chega para você e diz: “Quanto menos trabalhar e mais você ganhar é melhor”. Porém, nada pode ser mais gratificante para uma pessoa do que, depois de meses, ouvir de uma paciente que ela ainda se lembra da consulta que você fez com ela. Não há dinheiro que possa pagar essa satisfação. Isso não se paga com dinheiro. Isso se paga com uma intensidade da vida, que para sentir essa satisfação a pessoa poderia até nem receber, porque viver assim nos deixa mais contentes. Basta que um único paciente lhe diga, depois de meses, que ninguém lhe havia consultado daquela forma antes, para que toda a mentira desabe diante de nossos olhos. Quando vocês vão fazer uma consulta vocês gostariam de encontrar um médico como o Marcelo ou outro que diga que o melhor é trabalhar menos e ganhar mais? O que você preferiria? Talvez nós não sejamos capazes de viver à altura desse ideal, porque somos mesquinhos, porque nos conformamos com pouco. Porém, se estivermos doentes, nós gostaríamos de ter um médico assim. Nós preferiríamos um médico que nos consultasse com paixão pela nossa vida! Ainda me lembro de um episódio que aconteceu comigo quando era professor em um colégio, porque um estudante me disse uma vez: “Se eu tiver um amigo com algum problema, eu espero que ele não estrague o meu fim de semana me contando o seu problema”. E eu respondi a ele: eu lhe asseguro que você vai ser mesquinho se não estiver disposto a ajudar o outro quando tem um problema no

final de semana, pois se a sua mãe adoecer no final de semana você gostaria sim que tivesse um médico de plantão. Você pode não viver à altura do ideal, mas mesmo que você não seja capaz de vivê-lo, você gostaria de encontrar um médico no hospital que atendesse sua mãe no final de semana se ela adoecer. Nós podemos viver assim se soubermos a origem do desejo, quem nos desperta constantemente esse desejo. Nós que às vezes somos tão mesquinhos como esse meu aluno. O que nos ajuda a não cairmos nessa? Somente se nós vivemos em um lugar que constantemente nos desperta o desejo de viver assim e nos mostra e testemunha, como os testemunhos desta tarde, que é melhor viver assim. Porque Marcelo nos testemunhou em um detalhe da vida que viver segundo o ideal é mais humano, lhe faz mais feliz, e lhe dá mais plenitude do que viver – como lhe disseram no hospital – para trabalhar menos e ganhar mais. Nós voltamos para casa hoje tendo isso diante dos olhos. Amanhã podemos esquecer o ideal, porém quando nos lembrarmos do que o Marcelo contou poderá despertar em nós novamente o desejo de viver à altura do ideal.



Gustavo (Rio de Janeiro): Primeiro, gostaria de agradecer o texto porque me ajudou bastante agora nesse ano que me formei e em que comecei a trabalhar. Aqui você fala que, diante de uma circunstância vertiginosa, a nossa vontade é superar logo

essa condição, e por causa disso muitas vezes acabamos errando, escolhendo sem subsídios da realidade, optando por um caminho qualquer somente para sair da condição vertiginosa. Percebo que depois do término da faculdade

muitas situações têm sido vertiginosas e têm exigido uma espera para saber qual é o caminho que Cristo quer que eu percorra. Porém, minha impaciência é um problema: quero resolver tudo logo, ser feliz logo. Visto que não gosto de esperar, não consigo esperar com tranquilidade. Como as questões de trabalho, emprego, família, vocação, se tornam muito sérias e dramáticas sem uma resposta imediata, acabo vivendo como se Cristo tivesse me abandonado. De onde vem a confiança que eu posso esperar e que isso será o melhor para mim, pois revelará mais o caminho preparado para a minha felicidade? De onde vem a tranquilidade para esperar em paz, sem que a postura vertiginosa se torne uma tortura de ficar olhando para algo que você deseja ardentemente que se resolva? Tenho um problema sério de esperar para ser feliz.

Julián Carrón: A vida é dramática! Gustavo, a vida é realmente dramática! E você tem a certeza que poderá ter o amor de sua mãe, de que independente do que acontecer, ela não o abandonará? Ele diz que sim! Nós não temos tranquilidade porque não temos essa mesma certeza sobre Cristo e por isso ficamos sem paciência, porque as coisas não acontecem segundo o ritmo e a imagem que nós temos na cabeça. Por isso o Salmo diz: “É como a criança no regaço de sua mãe”. Está tranquila porque está certa de que sua mãe a protegerá e a acompanhará. A impaciência é uma grande estupidez, porque as coisas crescem em nós lentamente, e como nós agora estamos acostumados à rapidez das comunicações, em que tudo é rápido, tudo é vertiginoso, acreditamos que as questões da vida, do crescimento da nossa pessoa, do trabalho, dos relacionamentos, da família, da vocação, têm que ser vertiginosas também. Há alguns anos um rapaz me fez uma pergunta muito parecida com a sua.

Ele queria saber como conseguir uma certeza na vida. Imediatamente ele, antes de eu responder, já colocava uma venda nos olhos dizendo “só não me diga que precisa de tempo”. Então eu retruquei: não sabemos nem o que dizemos. Imagine que você teve um relacionamento com uma pessoa e que tudo aconteceu em um instante. Seria fácil dizer depois, em qualquer momento: foi real? Será que sou um visionário? Será que eu sonhei? Seria muito fácil duvidar! Por isso, uma coisa que se consegue tão facilmente, uma certeza à qual se chega tão rapidamente, pode ser rapidamente questionada. Você chegou à certeza de que sua mãe lhe ama muito lentamente. Você não se lembra porque não se dava conta de quantos sorrisos sua mãe teve que dar, quantos milhares de sorrisos ela deu para arrancar de você o seu primeiro sorriso, e quantos cuidados ela teve sem que você percebesse: quando você tinha medo, quando tinha fome, quando algo lhe faltava, quando você estava preocupado, quando você chegava triste; poderíamos ficar aqui até a noite contando e não acabaríamos. E porque foi lentamente – cheia de fatos, de detalhes, de incidência, com frio ou com calor, quando você estava sem falar com ela ou quando você estava bem, através de discussões ou através de carinhos, atravessando todos os momentos da vida –, isso lhe deu uma certeza sobre a sua mãe que mesmo que todo mundo negasse você não deixaria de ter certeza de que ela o ama. Veja, a certeza chega lentamente e quando tenho essa certeza, posso ficar tranquilo. Nós pensamos sempre que há um caminho mais rápido para chegar às coisas, porque não nos damos conta de como chegamos às coisas verdadeiras, como chegamos às coisas que duram. E é por isso que estamos juntos, para nos ajudarmos nisso, porque se você tivesse perdido a paciência porque o amor de sua mãe não crescia com o ritmo que você desejava, você não chegaria à certeza, por-

que já teria ido embora de casa. Como você não se dava conta de que estava fazendo o caminho da certeza, continuava no caminho, até perceber que tipo de certeza gerou o amor de sua mãe. Você nem mesmo se dava conta de que estava esperando, porque o que prevalecia era a alegria de viver a vida, e cada vez que você tinha medo, que tinha fome ou que tinha alguma necessidade, sua mãe estava lá. O que prevalecia era a certeza de uma presença boa para você. Isso é o que nos faz esperar, porque a nossa questão não é tanto a espera, mas ter alguém que nos acompanhe no caminho e que isso prevaleça sobre a impaciência. E então ficamos tranquilos, como as crianças que não se preocupam se estão com fome porque quando elas têm fome elas têm ali sua mãe. Isso não significa que não tenhamos que fazer as coisas, que você não tenha que trabalhar, que estudar, porém nos tira a ansiedade, nos tira a preocupação que é o que nos corrói por dentro, que é o que nos destrói, porque nos desgasta e no final temos que ir ao médico. A única coisa que a impaciência gera é isto: ela nos desgasta e esvazia. Ao contrário, se prevalece a certeza de estarmos acompanhados, podemos fazer o caminho tranquilos, em paz. E aí a vida cresce. E poupamos a ida ao psicólogo. Só o dinheiro que poupamos não tendo que ir ao psicólogo já é um ótimo investimento. Ser psicólogo não é nenhum problema. O problema é quando temos que ir ao psicólogo por causa da nossa estupidez de sermos impacientes.



Marcos Zerbini (São Paulo):

Nós estamos vivendo um momento um pouco atípico que é esse momento eleitoral aqui no Brasil. Ontem nós estivemos em uma das áreas da Associação, das 9h30 da manhã até as 19h

andando de casa em casa, conversando com as

peças e o que para mim foi impressionante é que com cada pessoa que a gente encontrou, em cada abraço que a gente recebeu, a gente retomou, fez memória – como você disse em La Thuile – daquilo que foi a nossa própria vida. Encontrar essas pessoas nos faz lembrar todos esses anos de luta, de tudo o que foi conquistado, de tudo aquilo que foi construído nessa história e gradativamente a gente foi se dando conta de como é bonita a história que Deus constrói nos usando. Discutindo a questão da vocação, discutindo a questão do ideal, eu me dou conta de quantas e quantas vezes na nossa vida a gente teve a coragem de enfrentar o mundo para seguir o que o coração pedia e ir atrás desse ideal; e também me dou conta de como essas decisões nos ajudaram a construir uma vida com muita beleza. Uma vida com muita dificuldade, com muito drama, com muita dor, mas também extremamente bonita. Eu queria, em primeiro lugar, testemunhar que é verdade aquilo que você nos ajuda a entender: que quando a gente tem coragem de ouvir o coração e de viver a vida de uma forma plena, buscando aquilo que o coração pede, buscando o ideal, a gente se sente abraçado e se sente amado de um amor eterno. É impressionante porque eu não tenho nenhuma dúvida do quanto Cristo me ama e de como Ele tem preferência por mim. E, mais do que fazer uma pergunta, eu queria lhe agradecer, porque há alguns anos nós tivemos a oportunidade de lhe conhecer e olhar para o caminho que você tem feito na sua própria vida. Então, olhando a liberdade com a qual você conduz o Movimento eu me propus a viver essa liberdade dentro do mundo político, não preocupado com o resultado que vou ter, mas preocupado em viver com verdade a minha vida naquele mundo. E é impressionante como, apesar de ser um mundo tão hostil, a gente acaba incomodando tanta gente só porque procuramos viver a vida de

uma forma bonita. E eu queria lhe dizer que eu agradeço muito esse encontro que fizemos com Comunhão e Libertação e com você, porque eu não estou nem um pouco preocupado com o resultado da eleição no dia 3 de outubro, porque a grande vitória para nós já aconteceu, que foi reencontrar muitas pessoas que a gente não via há muito tempo, nos dar conta da história que elas nos ajudaram a construir e me dar conta de como sou amado por Cristo, como Cristo tem um carinho muito especial por cada um de nós nos usando para construir uma história tão bonita. Então, eu queria agradecer muito ao Carrón pelo seu testemunho e pela sua vida. Obrigado!

Julián Carrón: Obrigado, Marcos. Temos que aplaudi-lo porque o Marcos é um exemplo, junto com a Cleuza, do que seja seguir a voz do ideal. Eles poderiam ter vivido segundo aquele ideal que ouvimos antes: “trabalhar menos e ganhar mais”. Porém, muitos de vocês que estão aqui da Associação, vêem que coisa boa foi para vocês que haja alguém que tenha seguido a voz do ideal. Não estamos falando de coisas abstratas, estamos falando de pessoas que seguindo a voz do ideal sacrificaram suas vidas para construir algo feito para vocês e com vocês. Quantas das pessoas que estão aqui se sentem agradecidas a eles por isso. Assim como a paciente que estava contente por ter sido tratada daquela forma no exemplo do Marcelo, vocês também têm muito mais motivos para estarem agradecidos por eles terem seguido a voz do ideal e construído esta história. E como nós de Comunhão e Libertação queremos viver seguindo a voz do ideal, quando os encontramos imediatamente nos tornamos amigos. Não é que não tenhamos acentos um pouco diferentes, não é que não tenhamos histórias diferentes, mas o que nos une é esse ideal e por isso queremos caminhar juntos, para manter vivo esse ideal. Por isso eu me sinto tão amigo do Marcos e me sinto tão amigo

da Cleuza, porque neles encontrei companheiros para viver esse ideal e quero dizer isso publicamente, porque é assim mesmo. E que contribuição podemos dar a essa amizade que vivemos juntos? Como Comunhão e Libertação pode ajudar na construção dessa história? Eles me dizem frequentemente: “Você não pode se dar conta da graça que foi para nós ter encontrado Comunhão e Libertação, porque nós já estávamos cansados e por isso nos faltavam energias para continuar construindo essa história e o encontro com vocês nos deu oportunidade de retomarmos com energia o caminho”. É por isso que estamos contentes de poder prosseguir a aventura da vida com eles contribuindo com aquilo que nós recebemos de Dom Giussani. Porque, como eles me diziam antes, muitos amigos da Associação conseguiram construir uma casa, mas não estão contentes e entendo porque não estão contentes, porque eles não foram feitos para ter somente a casa, foram feitos para viver algo grande e aquilo que nós recebemos de Dom Giussani é querer viver à altura desse ideal e esse ideal é possível viver somente se temos alguém que nos sustenta no caminho: Cristo, Cristo presente aqui e agora! Porque sem a presença de Cristo, sem a contemporaneidade de Cristo, nós não conseguimos continuar construindo para nós e com vocês, e por isso a coisa que mais amamos é justamente Cristo. Não digo isso porque a palavra Cristo nos poupa do trabalho da construção, mas é a única presença que desperta todo o interesse por nós mesmos e pelos demais e por isso nós precisamos desse testemunho que vocês nos dão todos os dias. E por isso nós queremos contribuir com a nossa pobreza, com o pouco que somos, para continuar a construção dessa história, até na política. Nós não esperamos a salvação da política. Nós esperamos a salvação de Jesus Cristo, presente aqui e agora. E por que nos interessa a política? Porque queremos que a fé que vivemos tenha a ver com tudo. Se

Cristo não tivesse nada a ver com a família, não tivesse nada a ver com o trabalho, com a política, com o tempo livre, com a construção da Associação, Cristo não me interessaria. O que está em jogo é a concepção do que seja a fé cristã: algo que se interessa por todos os fatores da vida e por isso se interessa também pela política, porque tem a ver com a vida de todos, com o interesse comum de todos. E nós queremos estar presentes nas eleições porque as eleições são parte do caminho da fé. E por que as eleições fazem parte do caminho da fé? Porque nos ajuda, a cada um de nós, a viver diante desse aspecto da vida que é a política, dizendo aquilo que mais amamos. Esperamos a resposta ao desejo do coração, a resposta à voz do ideal, da política ou de Cristo? Por isso as eleições são um exemplo, um momento decisivo para o caminho da fé para poder afirmar que aquilo que nós mais amamos não é a política, é a fé, é Cristo e por isso nos interessamos pela política. Isso nos dá o critério para nos interessamos pela política. Nós não esperamos da política a salvação, nós só queremos que a política facilite o espaço de liberdade para viver a fé cristã, para continuarmos construindo esta história. Nós esperamos a felicidade de poder viver juntos essa história. Por isso a Igreja sempre nos deu um critério claro e simples que todo mundo entende: em quem devemos votar? Devemos votar em quem facilite a liberdade da Igreja. Vocês gostariam de ter liberdade para poder continuar a construir a Associação respondendo a necessidade de todos? Ou querem que o Estado não permita que as pessoas se movam para suprir suas necessidades? Se o Estado não permitisse, nós não estaríamos aqui. Por isso nós apoiamos pessoas que nos ajudam a construir esse espaço, não porque esperamos delas a salvação, mas porque isso nos ajuda a viver melhor e isso contribui para o bem comum, que é o segundo grande critério da Igreja. Isso vocês podem ler no panfleto que receberam na entrada,

você devem lê-lo e distribuí-lo aos amigos porque isso permite que vocês estejam presentes com um rosto nessa situação. Isso ajuda vocês a recuperar amigos, como dizia Marcos, que viveram essa história e talvez tenham se distanciado.



Cleuza Ramos (São Paulo):

É aqui nesse espaço que a gente passa praticamente os domingos das seis da manhã até as oito da noite discutindo sempre os textos do Carrón, discutindo sem cansar. Na Associação a gente já viveu uma outra coisa, já viveu discutindo a casa,

a infra-instrutora e a gente discutia e discutia. E cada casa que era levantada e cada rua que era feita não respondia ao nosso coração. Sempre era o que a gente fazia, e agora estamos discutindo esses textos sobre a correspondência, o filho pródigo e por último foi sobre a vocação. Às vezes a gente pensa na vocação como a profissão, como algo que ainda vai acontecer quando eu acabar a faculdade, quando eu me formar, e é aí que eu vou ganhar dinheiro, que vou ser feliz, e cada vez a gente pensa numa coisa diferente. Eu achava que tinha vocação para a Associação, mas eu achava que eu estaria vivendo a vocação quando as casas tivessem sido levantadas, quando as ruas estivessem prontas. Só que a casa ficou pronta e eu não estava contente, depois a escola ficou pronta e eu não estava contente, e agora eu entendi a vocação de uma forma diferente: a vocação é dizer o meu sim a cada dia. Já estou vivendo e estou sendo feliz a cada dia. Eu não preciso esperar acontecer uma coisa no futuro para ser feliz. Eu estou sendo feliz com cada acontecimento. Quando o Marcos foi candidato pela primeira vez ele perdeu a eleição e eu fiquei muito triste e muito infeliz. Por quê? Porque eu esperava um resultado, eu trabalhava por um resultado

e quando o resultado não aconteceu fiquei triste, fiquei infeliz. Mas agora eu estou vivendo a campanha de uma forma diferente: cada abraço de cada pessoa, cada palavra que a gente fala vai concretizando a nossa vocação. A minha vocação acontece no dia-a-dia. Eu aprendi dentro do Movimento Comunhão e Libertação que eu não preciso que o Marcos seja eleito, que tenha uma grande votação, para que eu concretize a minha vocação dentro da política. Para mim, a minha vocação dentro da política é anunciar a beleza do que eu encontrei, é anunciar as palavras do Carrón a cada dia. Porque cada uma de suas palavras são para nós uma oração. Eu não olho para as suas palavras como um texto que eu guardo na gaveta e de vez em quando eu vou ler de novo. Os seus textos são para colocar em prática. Quando eu falo da vocação no meu dia-a-dia é para colocar em prática. Então as suas palavras são um guia para mim dentro da Associação. Nesse espaço a gente vive com muito amor e muito carinho, falando para cada pessoa do encontro que a gente fez, da beleza que é participar do Movimento Comunhão e Libertação. Eu falo para cada pessoa de Cristo na realidade. Eu sou a coordenadora da campanha do Marcos, eu não quero separar a campanha da minha vida. A campanha, a Associação, o meu casamento, as minhas filhas, os meus amigos, para mim estão dentro do meu dia-a-dia, eu não descolo nada do meu dia-a-dia. Mas nem sempre para mim foi assim. Eu entrei para a Associação há trinta anos e eu só esperava por resultados. Se o resultado fosse bom eu ficava triste porque não me satisfazia, se o resultado fosse ruim eu também ficava triste porque era ruim, então eu nunca estava contente com o resultado. Agora eu entendo que a Associação é a minha vocação e que eu vivo essa alegria no dia-a-dia, que eu não preciso esperar o resultado da eleição para ser feliz: eu já sou feliz hoje,

porque cada dia eu tenho um resultado. A cada dia quando eu termino o trabalho eu agradeço a Deus porque eu encontrei pessoas novas, eu falei da beleza do que eu encontrei. A cada dia eu falo do que realmente mudou a minha vida, que não foi construir a maior associação do Brasil ou ter um marido deputado. A coisa mais alegre da minha vida foi fazer o encontro com o Movimento Comunhão e Libertação e é ter amigos como padre Aldo, como o Bracco, como o padre Julián, como o Dr. Alexandre e tantos outros, e como o Carrón, que é o nosso guia. É isso que me faz contente, que faz o meu coração vibrar todos os dias, que me faz levantar todos os dias e agradecer a Deus pelo encontro que eu fiz com o Movimento. Então, Carrón, eu quero agradecer pelo encontro de La Thuile que mais uma vez foi a oportunidade de renovarmos o nosso sim. Cada encontro com você, cada encontro aqui na Associação, cada encontro com Comunhão e Libertação, é o momento para renovarmos o nosso

sim. Quero agradecer a Deus por esse momento, pois não cai nenhuma folha de árvore sem Deus preparar, e num encontro como esse a gente não pode ter dúvida de que existe uma grande presença. Então, Carrón, obrigada! Obrigada pela semana que você passou no Brasil, obrigada pelo carinho que você tem por cada um de nós, por cada palavra, obrigada por tudo! Que Deus lhe proteja. Nós amamos você!

Julián Carrón: Ela disse melhor do que qualquer um o que quer dizer a vocação: dizer sim à presença de Cristo que encontramos; e por isso não precisamos esperar os resultados para ficarmos contentes, nós já temos o resultado naquilo que encontramos. Por isso, somos livres também do resultado de Marcos nas eleições. E, pelo fato de sermos livres dos resultados, faremos todo o possível para que ele seja eleito.

Até a próxima! Quero vir celebrar com vocês a vitória do Marcos!



